



No ano de 1942 as festas continuarão a ter a colaboração e concurso da Santa Casa da Misericórdia e da Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898. Mas, em 1943, a Santa Casa da Misericórdia recebe avultada herança de Carlos Ferreira Prego (Barão de Samora Correia) e deixa de organizar as festas. Nesse ano a responsabilidade passa para a Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898, mantendo-se o apoio da Câmara Municipal.

Mas há dificuldades crescentes para arranjar entidade ou comissão que se incumba de organizar as festas anuais de Alcochete.

Em 1944, a Câmara Municipal decide formar uma comissão presidida pelo vereador António Antunes e constituída por Álvaro José da Costa, Virgílio Jorge Saraiva, Augusto Ferreira Saloio, Augusto Atalaia, João Batista Lopes Seixal, José de Oliveira, Augusto Ferreira Gonçalves de Oliveira e Augusto Ferreira da Costa.

Datados de 12 de Agosto de 1944 há estes versos, intitulados «Alcochete» e dedicados às festas por Guilherme Cardoso, filho de famílias alcochetanas:

*Ó linda Alcochete*

*Tu tens um barrete*

*Como tradição*

*Por ser verde é esperança*

*Denota bonança*

*O Trabalho, o Pão*

*Terra bem modesta*

*Mas hoje na festa*

*Ostentas riqueza*

*A rir, a cantar*

*Assim vens mostrar*

*Ser bem portuguesa*

*Alcochetanos*

*Estais ufanos*

*Pelas festas das Salinas e Barrete*

*Por isso meu povo amigo*

*Vós devereis dar comigo*

*Um sagrado e grande viva*

*ALCOCHETE*

*Vila tão formosa  
És tão valiosa  
Como o ouro de lei  
E és por sinal  
O Torrão natal  
Dum saudoso Rei*

*Sem ter ambições  
Tens os teus braços  
Vincados na história  
A qual te dá  
Há séculos p'ra cá  
Títulos de glória*

*Alcochetanos  
Estais ufanos  
Pelas festas das Salinas e Barrete  
Por isso meu povo amigo  
Vós devereis dar comigo  
Um sagrado e grande viva  
ALCOCHETE*

Terminadas as festas de 1944, a comissão volta a reunir-se para garantir futuras organizações e decide convidar para um almoço várias personalidades influentes da vila, com o objectivo de constituir uma entidade que assuma a organização das festividades.

Desse almoço sai uma comissão que vem a dar origem ao Aposento do Barrete Verde, agremiação fundada em 20 de Agosto de 1944 com a finalidade principal de organizar as Festas dos Barrete Verde e das Salinas.

Daí em diante, colectividade e festas têm história paralela.

A 12 de Agosto de 1945 visita o Aposento o historiador e jornalista Gustavo de Matos Sequeira, a primeira individualidade a assinar o livro de honra da instituição com estes versos às «Meninas do Barrete Verde»:

*Raparigas de Alcochete  
Raparigas de barrete  
Tocado de Portugal*

*Por vós ergo a minha taça  
Meninas cheias de graça  
Meninas cheias de sal*

*Bebo p'la vossa saúde  
Bebo p'la vossa virtude  
Bebo p'la vossa beleza  
Bebo p'la vossa alegria  
E p'los noivos que um dia  
Haveis de ter concerteza.*

A 16 de Setembro de 1955 o Aposento do Barrete Verde é visitado pelo fadista Moniz Trindade e pelos compositores Frederico de Brito e Ferrer Trindade, intérprete original e autores do fado "Barrete Verde", respectivamente (ver acima imagem que reproduz os autógrafos registados pelos três no Livro de Honra do Aposento). Trata-se de uma canção muito popular na vila e hino das festas, causando emoção sempre que alguém a interpreta.

Eis, na íntegra, a letra do fado do «Barrete Verde»:

*Barrete Verde e jaqueta  
E a cinta preta  
Toda franjada  
Atrás dos toiros mais lestos  
Quando os cabrestos  
Vão d'abalada*

*Seguem a caminho da praça  
E o gado passa  
Como um foguete  
Esperas de toiros é esta  
A melhor festa  
Que há n'Alcochete*

*Há sempre um toiro na calha  
Que se tresmalha  
Que faz das suas  
Ninguém supõe a alegria*

*E a valentia  
Que andam nas ruas*

*Depois é ver as faenas  
Que são apenas  
Prenúncios d'arte  
Pegas com palmas e brados  
Porque há forcados  
Por toda a parte*

*Barrete, verdes campinas  
Branças salinas  
Gente modesta  
Que atira ao ar o barrete  
Quando Alcochete  
Se encontra em festa*

*Que andar no mar é seu fado  
E o Tejo irado  
Não lhe faz mágoa  
Que vive alegre e contente  
Porque é só gente  
Da borda d'água*

Num texto de Agosto de 1969, publicado no programa das Festas do Barrete Verde e das Salinas desse ano, o Dr. José Grillo Evangelista escreve o seguinte:

*"O Alcochetano nasce entre o mar e a lezíria. Faz-se homem entre sal e a charneca. Torra-se ao sol do 'Salgado' do seu Tejo e morre, se for preciso, embarbelado entre os cornos de um toiro. Tais atributos de real valia, bem mereciam que alguma coisa os perpetuasse.*

*"José André dos Santos, alcochetano dos quatro costados como soe dizer-se, meteu mãos à obra e lançou um dia, a ideia de os consagrar. Aos quatro ventos se propagandeou a lembrança: na imprensa (O Século dando o primeiro sinal de avançar), na rádio, no boca-a-boca!... Que sei eu!... Tudo puxou certo. De todas as formas e feitios se trabalhou. Todos os esforços se congregaram.*

*"E assim surgiram, castiças e belas, as primeiras 'Festas do Barrete Verde e das Salinas', e o seu êxito correu célere, do Sul às longínquas terras nortenhas.*

*"Ficaram saudades da 'Festa'? - Se ficaram.- E mais que saudades, ficou o imperioso dever de se repetirem, ano a ano, como cartaz de uma linda Terra que a Deus aprouve marcar na formosura dos seus encantos naturais, da mesma maneira que marcara as amorosas flores dos seus jardins.*

*"Assim foi que, certo dia, três homens se deram as mãos (António Rodrigues Regatão, Joaquim José de Carvalho e Joaquim Tomaz da Costa Godinho) e ali mesmo, no Terreiro da nossa vila, na velha farmácia Gameiro, chamaram a si mais dezasseis carolas e na noite de 20 de Agosto de 1944, todos juntos, entre nacos de pão com linguiça assada e algumas goladas de água-pé, já bem madura, resolveram fundar o 'Aposento do Barrete Verde', penhor seguro da continuação das Festas.(...)*

No livro «As Festas do Barrete Verde e das Salinas em Alcochete» (Lisboa, 1998), Luís Maria Pedrosa dos Santos Graça refere que, *"em tempos passados, arranjavam-se os touros para as largadas, conversando a Direcção do Aposento do Barrete Verde com ganadeiros que, muitas vezes, os cediam por preço simbólico.*

*"O lote disponibilizado concentrava-se num pinhal existente a nascente da vila. À hora marcada, sempre enquadrados por campinos, os touros eram conduzidos a uma das entradas da povoação.*

*"(...) Os animais vinham em pontas e era suposto ser aquela a primeira vez que se confrontavam com o público, investindo em arranques que pediam cautela e inteligência veloz no desfeitear a força bruta..."*

Nada disto sucede nos dias de hoje. Os touros, que já não são "arranjados para as largadas", saem de camionetas em dois pontos distintos da vila (Av. 5 de Outubro e Rua José André dos Santos), após ser lançado um morteiro de aviso. A condução dos animais para a Praça de Touros, razoavelmente cansados após tantas picardias de aficionados e afoitos, é bastante mais segura e bem enquadrada por campinos e "chocas".

A multidão que assiste tem também melhores condições de segurança, garantidas por enormes travessas de madeira dispostas ao longo dos percursos em que os toiros são soltos. Isso não significa que não haja acidentes, embora quase sempre derivados da imprudência e do excesso de álcool.

Há mais informação sobre as Festas do Barrete Verde e das Salinas no blogue «Coisas de Alcochete», nomeadamente [este texto](#).

Etiquetas: [Festas do Barrete Verde](#)

publicado por Fonseca Bastos @ [10.8.07](#) [2 comments](#) [ligações a este post](#) 